



HAL
open science

O MUSEU DAS COISAS BANAIS ENTREVISTA O ANTROPÓLOGO JÖEL CANDAU.

Joël Candau

► **To cite this version:**

Joël Candau. O MUSEU DAS COISAS BANAIS ENTREVISTA O ANTROPÓLOGO JÖEL CANDAU.. EX-PRESSA EXTENSÃO, 2015, pp.13 - 16. <halshs-01736681>

HAL Id: halshs-01736681

<https://shs.hal.science/halshs-01736681v1>

Submitted on 23 Mar 2018

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire HAL, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.



HAL Authorization

O MUSEU DAS COISAS BANAIS ENTREVISTA O ANTRÓLOGO JÖEL CANDAU

THE MUSEUM OF BANAL THINGS INTERVIEWS THE ANTHROPOLOGIST JÖEL CANDAU

ENTREVISTADORAS: DANIELE BORGES BEZERRA¹, JULIANE CONCEIÇÃO PRIMON SERRES²

Jöel Candau

Doutor em etnologia e professor na Universidade de Nice-Sophia Antipolis (França). É diretor do Laboratório de Antropologia e Sociologia, Memória, Identidade e Cognição social (Lasmic), onde desenvolve pesquisas nos temas de antropologia cognitiva e sensorial; antropologia da cooperação e abordagens naturalísticas em Ciências Sociais. É autor do livro *Mémoire et identité* (1998) traduzido e publicado no Brasil com o mesmo título em português: "Memória e identidade", pela Editora Contexto, em 2011. Dentre as suas publicações, destacam-se, ainda: *Anthropologie de la mémoire* (1996), e *Mémoire et expériences olfactives: Anthropologie d'un savoir-faire sensorial* (2000).



Resumo

Em entrevista³ gravada na cidade de Pelotas, às 15 horas e 30 minutos, do dia 08 de dezembro de 2014, o antropólogo francês Jöel Candau, professor da Universidade de Nice - Sophia Antipolis (França), coordenador do departamento de Antropologia e Memória, Identidade e Cognição Social, uma das maiores referências que estuda a memória social, respondeu a algumas questões levantadas pelo Museu das Coisas Banais sobre a importante relação entre cultura material e memória. Além da antropologia da memória, o estudo da memória como fato cultural atua em pesquisas de antropologia cognitiva e comportamental, investigando os mecanismos da linguagem natural dos odores; bem como, em pesquisas de antropologia da cooperação que investiga o trabalho de engajamento e as formas de compartilhamento humano.

Palavras-chave: Cultura material. Museu virtual. Objetos de memória.

Abstract

In interview recorded in the city of Pelotas, at 3 hours and 30 minutes post meridiem of December 8th of 2014, the French anthropologist Jöel Candau, professor of the University of Nice - Sophia Antipolis (France), coordinator of the laboratory of Anthropology and Sociology, Memory, Identity and Social Cognition, one of the greatest references that studies social memory, answered to some questions brought by the Museum of Banal Things about the important relation between material culture and memory. Besides memory anthropology, the study of memory as cultural fact acts in researches of cognitive and behavioral anthropology, investigating the mechanisms of the natural language of odors; as well as in researches of cooperation anthropology that investigates the work of engagement and the forms of human sharing.

Keywords: Material culture. Virtual museum. Memory objects.

Museu das Coisas Banais, muito além das banalidades

O Museu das Coisas Banais é um projeto vinculado ao Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas que busca, através da coleta virtual de acervos e baseado na metodologia da história oral, a preservação da memória dos objetos, constituindo um acervo digital por meio de narrativas e fotografias. A característica virtual do museu permite democratizar não apenas o acesso ao seu acervo, de modo global, mas também uma maior identificação com a memória social compartilhada, já que o que se pode acessar nesse museu é uma memória, geralmente familiar, no sentido empático de identificação das lembranças associadas a objetos. Outro ponto a ser destacado, que motiva a prática desta pesquisa, é a compreensão de por que os objetos ordinários são preservados, o que move a formação de coleções entre pessoas comuns na atualidade e por quais motivos as pessoas os consideram importantes nos dias de hoje.

Apesar de se chamar “Museu das coisas banais”, este museu virtual focaliza seus objetivos em promover uma reflexão em torno da memória agregada aos objetos cotidianos que, apesar de muitas vezes considerados banais, estabelecem uma relação afetiva ao longo do tempo e da vida com seus pertencedores.

Uma velha moldura de óculos, uma bolsa, um urso de pelúcia, um brinquedo, um antigo frasco de perfume, uma caixinha de madeira, entre tantos outros objetos de uso corriqueiro que não representam um valor econômico significativo, podem ser considerados banais e até mesmo descartáveis, não fosse o valor afetivo a eles atribuído pelas recordações que podem evocar. São objetos banais que extrapolam o valor de mercado ou de utilidade e se inscrevem na categoria do afetivo, do memorável, do familiar e, portanto, passam a incorporar um conjunto de bens preserváveis pelo seu aspecto simbólico. Basta pensar que os valores e significados atribuídos a todo e qualquer objeto são sempre fruto de uma interpretação humana em diferentes períodos históricos. Em outras palavras, os objetos assumem diferentes valores de acordo com as diversas sociedades ou grupos sociais. Assim, mesmo o objeto mais banal, em seu sentido ordinário, pode ser um importante elemento da cultura material. Portanto, muito além das banalidades, o Museu das Coisas Banais é dedicado aos objetos condutores de memória, dos mais variados tipos.

O amor que ainda vive na dedicatória do livro em francês, a maternidade ou a vida reavivada pelo cordão umbilical, o anel que simboliza a substância da mãe e do pai separados - estes e outros elementos informados pela história narrada através dos objetos que compõem o acervo do Museu das Coisas Banais contribuem para que se pense nos objetos como sociotransmissores da cultura e da identidade, tal como abordado por Jöel Candau em seu livro ‘Memória e Identidade’, publicado em 2011 no Brasil.

MCB: Professor Jöel Candau, no seu livro 'Memória e Identidade' o senhor indica uma categoria de sociotransmissores responsáveis pelas ligações memoriais e identitárias entre as pessoas de um determinado grupo social, assim como os neurônios formam suas ligações. Gostaríamos que nos falasse sobre o objeto enquanto sociotransmissor.

Jöel Candau: Vivemos em sociedades com uma multitude de objetos. Basta olhar aqui ao nosso redor para observar que existem muitos objetos em nossa vida, mas durante uma vida sempre fazemos uma seleção de certos objetos com a função de lembrar as pessoas com quem nos relacionamos, as profissões que desempenhamos, por acontecimentos diversos etc. E o resultado é que há objetos que são mais investidos que outros com nossos afetos. Esses objetos que são mais investidos que outros com nossos afetos nos são muito úteis quando tratamos de dar uma coerência a nossa vida, pois é uma maneira de operar. Dessa maneira vamos decidir o que colocar sobre a mesa em nossa casa, um objeto particular, ou colocar sob os móveis, outros objetos etc .

Sobre os sociotransmissores, todas as coisas do mundo favorecem a comunicação entre os indivíduos. Todas as coisas do mundo. Por exemplo, falar é um sociotransmissor, mas a ideia de sociotransmissores, se preferirem, corresponde aos neurotransmissores no cérebro. No cérebro os neurotransmissores permitem as conexões entre os neurônios e os sociotransmissores permitem as conexões entre os indivíduos. Então há muitas coisas que agem como sociotransmissores, mas os objetos materiais, e certos objetos, são melhores sociotransmissores que outros. A primeira explicação é porque um objeto se vê muito bem, tem uma forma, tem uma cor, tem uma história e, além disso, o fato que ocorra um investimento afetivo dentro do objeto faz com que ele seja mais eficaz, por exemplo, quando se trata de estabelecer uma relação com o outro. Por exemplo, dentro da família, a fotografia de um avô, um livro que pertenceu à família desde muitas gerações; esse objeto vai ter um conteúdo afetivo muito grande e isso favorece a união da família ao redor da memória afetiva da família.

MCB: Em uma de suas falas proferidas aos alunos e profissionais do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas no segundo semestre de 2014, o senhor aborda o ponto de vista sensorial da memória. Gostaríamos que nos falasse um pouco mais sobre a vinculação entre os objetos, os odores e as emoções.

Jöel Candau: Por exemplo, uma pessoa que revisita uma casa; ela se aproxima do alpendre e abre as janelas, ela descobre um lençol e ela vai sentir o cheiro desse lençol e imediatamente a imagem da pessoa ausente aparece e se passa nessa imagem toda uma noção de emoção e evoca um dia, o afeto de um momento difícil, ao sentir o cheiro do lençol da pessoa desaparecida. Vai sentir o cheiro da pessoa ausente. Acontece que o cheiro

ativa toda uma região do cérebro, que é o sistema límbico, o córtex frontal, do hipotálamo, sobretudo o sistema límbico que é a região que gera as emoções, a região que controla as emoções. Essa associação muito forte que põe em prática a lembrança olfativa, entre o odor e a emoção, faz com que se considerem os odores sociotransmissores potenciais. Ele vincula todo um conjunto de informações de maneira muito eficaz. Um dos múltiplos exemplos: um odor, o fato de encontrar todo um contexto sensorial e emocional da lembrança, como quando eu falei de Proust⁴. Por exemplo, alguém sente o cheiro de uma roupa e recorda dos amigos; bem, um passeio em família, ou vai sentir o odor de um bouquet de flores, um perfume e irá lembrar de uma experiência amorosa, uma rosa etc. Então os odores têm um poder muito forte de evocação e esse poder de evocação estabelece uma estreita associação entre lembrança olfativa e o sistema límbico.

MCB: Professor, gostaríamos de saber a sua opinião sobre a relevância do estudo dos objetos do cotidiano, objetos ordinários, 'banais'.

Jöel Candau: Eu havia dito: vivemos rodeados de objetos e esses objetos são uma forma de prolongação de nós mesmos, o que significa que não existimos, nós sozinhos com nossa mente unicamente com nosso corpo. Existimos com objetos. Por exemplo, muitos objetos que estão aqui. Em antropologia o que foi uma evolução muito importante da disciplina foi a atenção voltada ao que se chama a 'cultura material' e os objetos, claro, pertencem à cultura material e a compreensão da cultura material, dos objetos, é um modo de compreender as maneiras de ser, de fazer, de pensar, de sentir das pessoas. Então é uma coisa muito importante.

Notas

¹ Doutoranda em Memória Social e Patrimônio Cultural pela UFPEL. Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas. E-mail: borgesfotografia@gmail.com.

² Doutora em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Professora do Curso de Museologia e do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da UFPEL. E-mail: julianeserres@gmail.com.

³ Vídeo disponível na íntegra em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MNb7xM6oHEM>>

⁴ O caminho de Swann, volume I da obra Em busca do tempo perdido de Marcel Proust.